

Ibama discute novo modelo

Proposta é de transformar instituto em agência sem interferência política. Novo presidente assume esta semana

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) terá uma semana decisiva para que o projeto de transformação do órgão numa agência ambiental sem interferências políticas dê certo. A proposta já está concluída, mas com a demissão do presidente Eduardo Martins, na quinta-feira passada, fica nas mãos do sucessor a difícil tarefa de encarar os lobbies políticos para executar o projeto e extinguir as superintendências federais.

O presidente da República ainda não definiu o novo presidente nem nomeou um interino. Para o diretor do Instituto Socioambiental, João Paulo Capobianco, o presidente será peça-chave na mudança de política. "Terá de ser uma pessoa com grande credibilidade e força política", disse. "A pior coisa seria um carreirista assumir agora."

Uma das principais modificações no Ibama será a criação de escritórios funcionais no lugar das superintendências. Os escritórios estarão ligados, principalmente, às Unidades de Conservação e, dependendo da região, terão funções específicas. Os que ficarem próximos à Região Metropolitana, por exemplo, fiscalizarão os problemas da poluição.

Hoje, cerca de 80% dos funcionários do Ibama estão nas capitais e grandes cidades. O novo modelo pretende inverter esse número.

Outra mudança essencial, segundo Capobianco, para a despolitização do órgão é a perda das funções normativas. O modelo atual permite que o Ibama baixe portarias para definir políticas que ele mesmo irá fiscalizar e autuar. "O que acaba ocorrendo é uma grande competição entre o Ibama e o Ministério do Meio Ambiente." A transição é questão vulnerável. "É preciso tomar cuidado para não repetir os erros e levar para o novo modelo os vícios do atual." Capobianco defende uma transformação gradual para que seja possível utilizar o modelo vigente como ferramenta.

Camila Garcia